

Dezoito meses após a Conferência do Rio, o que aprendemos sobre a prática do desenvolvimento sustentável e que questões conceituais e metodológicas ainda precisam ser resolvidas? Nos cinco artigos a seguir, *Finanças & Desenvolvimento* tenta captar o pensamento do Banco acerca dessas questões. O artigo introdutório, do titular da Vice-Presidência para o Desenvolvimento Ecologicamente Sustentável, recém-criada pelo Banco, destaca a necessidade de ampliarmos nosso conceito de desenvolvimento, integrando os enfoques de sociólogos, ecologistas e economistas. Os três artigos seguintes apresentam cada um desses enfoques e o último examina os recentes progressos na busca do desenvolvimento ecologicamente sustentável.

# Praticando o desenvolvimento sustentável

ISMAIL SERAGELDIN

**A** *ECO 92 conseguiu alertar o mundo para a urgência de alcançar o desenvolvimento ecologicamente sustentável. Sabemos o suficiente para agir hoje, mas resta resolver difíceis questões conceituais e técnicas.*

Ao término da Conferência do Rio, no ano passado, ficou bem clara a sua mensagem para o mundo: se não houver maior proteção ao meio ambiente, o desenvolvimento será impossível, e se não houver desenvolvimento acelerado nos países pobres, as políticas ambientais fracassarão. As evidências estão em toda parte. Na África subsaariana, a agricultura de "roçada e queimada" — em face do crescimento demográfico ascendente — está criando um círculo vicioso de degradação do solo e queda da produtividade. Em São Paulo, na Cidade do México e em Bangcoc, a poluição do ar e da água representa um grave risco para a saúde. Nos países industrializados, as emissões de gases-estufa — capazes de provocar um aumento de 2-4° C nas temperaturas do globo no próximo século — diminuíram muito pouco.

A Conferência do Rio mostrou ao mundo que, depois de passarem décadas opondo a qualidade ambiental ao crescimento econômico, as autoridades estão finalmente descobrindo o vínculo crucial e potencialmente positivo entre ambos. A humanidade precisa aprender a viver dentro das limitações do meio físico enquanto fornecedor de insumos e também "escondadoiro" de detritos. Devemos reconhecer que a degradação

ambiental, mesmo que não chegue a níveis capazes de pôr em risco a vida, pode resultar num significativo declínio da qualidade do mundo que habitamos. Temos de encarar nossas responsabilidades para com as outras espécies e a necessidade de proteger a biodiversidade. Devemos encontrar um meio de garantir a todas as pessoas, agora e no futuro, água tratada, ar puro e solos férteis.

No entanto o mundo enfrenta hoje enormes dificuldades para propiciar aos pobres e desafortunados esses confortos básicos. Um bilhão de pessoas — a maioria nos países em desenvolvimento — não têm acesso a água tratada, 1,7 bilhão não têm acesso a saneamento e 2-3 bilhões de crianças morrem anualmente de doenças ligadas à falta de água e saneamento. Como se isso não bastasse, cerca de 90 milhões de pessoas vêm somar-se à população global a cada ano — a maioria também nos países em desenvolvimento. Isso cria enormes desafios para as autoridades, que buscam conciliar as necessidades e aspirações de uma população crescente com as limitações do mundo físico. Três desafios se destacam em particular:

**Produção de alimentos.** Quando a população mundial chegar a 9 bilhões de habitantes nos próximos 40 anos, o consumo de alimentos duplicará. A taxa de crescimento requerida para a produção de alimentos — 1,6% ao ano — será inferior aos 2% obtidos nas três últimas décadas, mas os agrônomos consideram que mesmo assim a tarefa deverá ser bem mais difícil, pois muitas das fontes de crescimento já não estarão mais disponíveis. Existem hoje duas opções: intensificar a produção nas terras utilizadas e explorar novas áreas. Nas três últimas décadas, predominou a intensificação, que foi responsável por mais de 90% do crescimento agrícola. É improvável que uma nova "revolução verde" consiga repetir os notáveis ganhos de produção. O desafio será não apenas aumentar a produção, mas também fazê-lo de modo menos prejudicial. Os problemas ambientais causa-

dos pela intensificação (escoamento químico e biológico, saturação do solo por excesso de água, salinização etc.) já são graves em certas áreas e poderão piorar muito se não se adotarem melhores políticas.

**Urbanização e poluição.** Noventa por cento dos habitantes que se somarão à população mundial viverão em áreas urbanas, o que acarretará enormes problemas no que se refere a mudanças sociais e institucionais, investimento em infra-estrutura e controle da poluição. Muitas autoridades municipais já estão assoberbadas de responsabilidades — e no entanto a tarefa que as aguarda será ainda maior. Para que todos disponham de água tratada nos próximos 40 anos será preciso estender o serviço a mais 3,7 bilhões de moradores urbanos. E para impedir que a poluição se agrave em países de crescimento acelerado será preciso reduzir em 90% a poluição por unidade de produção industrial até 2030.

**Invasão humana.** À medida que aumentam o número de seres humanos e a escala de suas atividades, aumenta igualmente a pressão sobre ecossistemas frágeis. Nos últimos 10 anos, destruíram-se 7-10% das florestas e pântanos tropicais, esgotaram-se aquíferos importantes e poluíram-se zonas costeiras a um ritmo sem precedente. É sabido que o aumento da renda não precisa causar tais problemas, podendo inclusive ajudar a atenuá-los. Mas se não forem adotadas políticas mais adequadas, os danos serão ainda maiores nas próximas décadas.

## “Desenvolvimento sustentável”

A expressão “desenvolvimento sustentável” foi cunhada pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Comissão Brundtland) em 1987. Ao defender um desenvolvimento que “atenda às necessidades da geração atual sem comprometer as necessidades das gerações futuras”, o relatório da Comissão Brundtland destacava a necessidade de satisfazer simultaneamente os imperativos do desenvolvimento e do meio ambiente.

Desde então, envidaram-se esforços para identificar as implicações operacionais do conceito de desenvolvimento sustentável. Foi este, aliás, o tema principal do *Relatório sobre*

*o Desenvolvimento Mundial 1992*, do Banco Mundial. A finalidade do trabalho ora realizado pelo Banco nessa área não é formular uma teoria geral da sustentabilidade, mas sim focalizar questões conceituais básicas que tenham implicações operacionais importantes. Uma coisa é certa: nossos esforços serão baldados se não fizermos maiores progressos no sentido de integrar os pontos de vista de três disciplinas:

- O dos **economistas**, cujos métodos visam a maximizar o bem-estar humano dentro das limitações do estoque de capital e das tecnologias disponíveis. Presentemente os economistas estão redescobrando a importância do capital natural.

- O dos **ecologistas**, que enfatizam a preservação da integridade dos subsistemas ecológicos considerados fundamentais para a estabilidade geral do ecossistema global. Alguns defendem a preservação de todos os ecossistemas, enquanto outros, menos extremistas, querem manter a elasticidade e a adaptabilidade dinâmica dos sistemas naturais. As unidades de valor são físicas, e não monetárias, e as principais disciplinas são biologia, geologia, química e ciências naturais.

- O dos **sociólogos**, que dão ênfase aos seres humanos enquanto atores principais cujo padrão de organização social é fundamental na busca de estratégias viáveis para o desenvolvimento sustentável. É cada vez mais patente que o fato de não levar na devida conta os fatores sociais no processo de desenvolvimento está comprometendo seriamente a eficácia de vários programas e projetos desenvolvimentistas.

O economista, o ecologista e o sociólogo concordam que as preocupações de todos os três são importantes (ver gráfico 1), mas só conseguem vê-las por suas respectivas óticas. Um economista, por exemplo, reconheceria prontamente a importância dos fatores sociais e ambientais, mas, como mostra o gráfico 2, veria essas questões pela ótica do economista. As preocupações sociais costumam limitar-se a questões de redução da desigualdade e da pobreza, e as preocupações ambientais, a questões de gestão de recursos naturais. Excluem-se preocupações importantes como coesão social, identidade cultural e integridade do ecossistema.

